

CPI vira um palanque eleitoral

BRASÍLIA — A campanha eleitoral ainda não começou, mas a disputa entre os partidos já chegou à CPI do Orçamento. A descoberta do esquema das empreiteiras detonou uma briga partidária cujo alvo são as eleições presidenciais de 1994. De um lado, PPR e PFL, e de outro, PT, PMDB, PSDB e PDT. No dia mais nervoso da CPI, parlamentares de cada uma das alas tentavam se proteger das novas acusações e, ao mesmo tempo, envolver os adversários nas denúncias de corrupção.

Mesmo sem citar nomes, o deputado Benito Gama (PFL-BA), apontado na nova lista de José Carlos dos Santos como ligado a empreiteiras, criticou os parlamentares que analisaram os documentos obtidos com o diretor da Odebrecht Aírton Reis. Ele se mostrou especialmente irritado com o deputado Aloizio Mercadante (PT-SP) e com o senador José Paulo Bisol (PSB-RS).

— Nem na CPI do PC tivemos um dia assim como este. O pior, no entanto, são as reuniões particulares, idas ao Planalto. Mon-

taram um palanque — reclamou Benito.

Sem nunca haver sido citado na CPI, o deputado Roberto Cardoso Alves (PTB-SP) também partiu para o ataque. Irritado com a divulgação do relatório sobre as empreiteiras, o deputado fez discursos nos corredores do Congresso:

— A CPI virou um teatro político-partidário. Cada um quer aparecer mais do que o outro.

Enquanto alguns parlamentares atacavam a CPI, outros saíam em defesa do trabalho realizado pela Comissão. O senador Jutahy Magalhães (PSDB-BA) disse que o trabalho é muito sério e que há fatos muito graves a serem apurados. Parlamentares do PT, no entanto, puseram a divergência de forma explícita: como até agora a maior parte dos acusados era do PMDB, o PFL e o PPR não impediam as investigações.

— Eles estavam conduzindo o trabalho, dirigido contra o PMDB. Agora que tocou neles, querem parar com tudo — disse um deputado do PT.